



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Marcos Pereira dos Santos
(Organizador)

2

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizador

Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab.
Biomecatrônica - Poli - USP
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná
Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de
Ensino Superior dos Campos Gerais
Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos
Faculdade Rachel de Queiroz
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos
Gerais
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí
Prof.ª Ma. Sílvia Apª Medeiros Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.ª Dr.ª Sílvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 2. / Marcos Pereira dos Santos (org.). -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 300 p. – ISBN: 978-65-88580-67-7

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.47573/aya.88580.2.42

1. Educação. 2. Educação especial - Legislação. 3. Educação física (Ensino fundamental). 4. Ensino médio. 5. Meritocracia. 6. Minorias - Educação – Brasil. 6. Educação de jovens e adultos. 7. Tecnologia educacional. 8. História da educação. 9. Inclusão escolar I. Santos, Marcos Pereira. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de
Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

O contexto e a formação do texto

Victor Augusto de Lima Truccolo

Especialista pela Faculdade de FAE Business School em Produção e Revisão de Textos (2018).

Anna Carolyna Melo Ferrer Costa

Mestre pela Universidade Federal do Paraná (2013), em estudos através do texto.

Resumo

O estudo sobre o que é texto se tornou muito recorrente devido à necessidade de compreender o seu processo de produção, em que são englobadas questões dos âmbitos social e cultural, o veículo a qual o texto é submetido, a intenção do autor, quem é o público-alvo, a estrutura do texto (seja ela sintagmática, paradigmática) etc. Para isso, foram necessários abordar conceitos respectivos ao estudo do texto, como gênero textual, tipologia textual, coerência e coesão textual. O objeto de estudo deste artigo é o texto escrito. Além disso, para corroborar com as reflexões aqui apresentadas, foi feita uma breve contextualização da vertente linguística Funcionalismo.

Palavras-chave: texto. gênero textual. tipologia textual. coesão. coerência.

Estudar o que é texto implica compreender a qual gênero o texto pertence, a tipologia predominante, o domínio discursivo, o veículo em que circulará dentre outras coisas. Luiz Antônio Marcuschi foi um grande linguista brasileiro que, dentre suas grandes publicações, refletiu muito sobre o que é texto e a sua importância na sociedade. Ele afirma que “o texto é uma reconstrução do mundo e não uma simples refração ou reflexo” (2008, p.73), ou seja, além de influenciar os costumes, os pensamentos, as tomadas de decisão etc., ajuda a construir a sociedade.

A relação entre texto e sociedade ocorre de muitas maneiras, o qual o interlocutor se utiliza do texto (seja escrito, seja oral) para estabelecer comunicação. Tanto o texto escrito quanto o texto oral apresentam características próprias e ambos são determinados pelo contexto ao qual se dá tal enunciado, ocorrendo a diferença que um texto se materializa pela escrita e outro pela oralidade.

Neste trabalho, o recorte linguístico para estudo é o texto escrito. Ele é uma ferramenta que, em suas diferentes formas de expressão e estruturação, possibilita a comunicação de uma mensagem para o seu público-alvo. Parte-se do pressuposto que o texto é produzido para ser lido, e esse público a qual o texto se destina pode ser tanto mais geral quanto mais específico, por exemplo: uma notícia tende a ter um público mais geral, enquanto um texto com temática jurídica tende a ter um público específico, como advogados, juízes etc.

Durante muito tempo, os estudos sobre a produção textual eram voltados apenas ao campo sintático, excluindo questões de interpretação e de sentido. No entanto, ao iniciar os estudos sobre a linguística textual, passou-se a entender que tanto estrutura quanto sentido estão interligados, isto é, têm-se internalizadas muitas variantes correlacionadas ao texto, adequando-se as diferentes situações em que ele possa ser veiculado.

Para compreender melhor, é necessário entender que o texto possui uma estrutura, a qual carrega em si tanto questões extralinguísticas quanto questões intrínsecas do texto.

Antes de dar continuidade ao estudo proposto neste artigo, é importante mencionar que o termo extralinguístico é usado para se referir ao que não é pertencente à estrutura da língua, mas que é necessário para compreensão como um todo da mensagem do texto. Atualmente, muitos são os estudos acadêmicos que afirmam que o extralinguístico faz parte da língua, porém não será discutido ao longo do artigo sobre esse ponto.

Voltando ao objeto de estudo deste artigo, o texto escrito pode apresentar diferentes objetivos e a ele podem estar relacionados questões de poder, de convencimento, de advertência, de fins lucrativos etc. Por isso, entende-se que o propósito comunicativo ao qual o texto está vinculado determina qual e como será a estruturação dele.

Segundo Marcuschi, há uma grande quantidade de estudos sobre gêneros textuais, leia a seguir a definição apresentada por ele quanto a esse conceito:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. [...] Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, históricas e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Observe que é mencionado que o texto apresenta objetivos enunciativos, isto é, ele tem uma mensagem que deseja passar ao interlocutor, ocorrendo assim a comunicação – entende-se o texto como uma entidade dialógica¹. Essa comunicação ocorre quando o interlocutor faz a leitura do texto, ou seja, a materialização do texto em si.

No entanto, devido a essa dialogia presente no texto, o interlocutor interpretará a mensagem de acordo com seu repertório social, experiências pessoais, grau de letramento, seu papel social (homem, mulher, empregado, contratante etc.). A mensagem sofrerá alterações a depender do contexto situacional do interlocutor. Outro ponto importante na análise de um texto escrito é que o autor do texto e o interlocutor não estão no mesmo espaço, logo, se houver dúvida ou ruído na comunicação não será possível resolver imediatamente. Em muitos casos, os interlocutores verbalizam suas dúvidas ou discordâncias por meio das redes sociais, e-mails etc.

Além disso, entende-se o texto escrito como uma entidade estruturada, que, segundo o dicionário Aurélio Online, a palavra entidade caracteriza-se por “tudo o que é concreto”. O texto só é concretizado quando sai da abstração, do campo das ideias, e é materializado pela escrita.

O texto escrito caracteriza-se por vocábulos ordenados dentro de um enunciado, ou seja, é contemplado em sua composição tanto o eixo paradigmático quanto o sintagmático. No entanto, durante a sua produção, é levado em conta o contexto e o veículo. Por exemplo: o gênero textual propaganda busca chamar a atenção do consumidor para o produto ou serviço que deseja promover, para isso adequa o texto ao veículo e ao público-alvo, pois só assim terá cumprido o objetivo de sua produção.

Além dos aspectos referentes ao gênero textual, é necessário adequar o texto a sua respectiva tipologia, que pode, inclusive, apresentar mais de uma. Marcuschi apresenta a seguinte definição de tipologia textual:

designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbal, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo.

Observe que a tipologia textual, diferente dos gêneros textuais, é limitada e pode apresentar mais de uma ao longo de um texto, há reportagens que fazem uso da tipologia expositiva, para situar o leitor do acontecimento, e da narração, principalmente em casos em que há o relato de um interlocutor, por exemplo.

Ao refletir sobre a materialização da comunicação linguística, percebe-se que ela não

¹ Entende-se por dialógica o processo de interação entre os textos, que não entendidos como uma unidade isolada, mas sim vinculados ao social e ao papel social.

ocorre de maneira separada (primeiro fonemas, morfemas etc.), mas sim por unidades maiores, no caso, por meio do texto. Por exemplo: podemos entender a comunicação como uma circunferência de 360°, e dentro dessa circunferência há divisões, podendo ser 80° de fonemas, 80° de morfemas etc. No entanto, o interlocutor não se atém a essas particularidades no processo de comunicação, ele, muito pelo contrário, enxergará apenas a mensagem, o produto final.

A linguística textual é uma das áreas da linguística que contribuiu e muito para o entendimento do que é texto, e ela “tem como papel [...] teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto” (ADAM, 2008, p.63). Entende-se, então, o texto como:

“unidade de língua em uso, unidade semântica (...) não de forma e significado”. Ele não consiste numa simples soma de períodos ou orações, mas é realizado por seu intermédio. A textualidade – aquilo que faz com que um texto seja texto – depende, em grande parte, de certos fatores responsáveis pela coesão textual, conceito semântico que se refere às relações de sentido que se estabelecem entre enunciados que compõem o texto, fazendo com que a interpretação de um elemento qualquer seja dependente da de outro(s). (FÁVERO; VILLAÇA, 2008, p.39)

Por meio dessa afirmação, é possível compreender que no processo de análise de um texto é contemplado tanto a questão sintática quanto o contexto, dessa forma ocorre a textualidade e, conseqüentemente, a compreensão da mensagem por parte do interlocutor.

Entende-se por textualidade aquilo que caracteriza/reconhece o texto como texto, estando relacionado aos estudos da coesão textual, que ocorre pelas unidades de sentido dentro dos enunciados linguísticos, formando, assim, o texto, e da coerência textual.

COESÃO E COERÊNCIA: O QUE É?

Os conceitos de coesão e coerência são muito utilizados nos estudos sobre o texto. O primeiro contato com ambas as nomenclaturas ocorre na escola, e passa a ser mais recorrente logo que os estudantes ingressam no Ensino Médio. Além disso, eles passam a ser cobrados a produzirem textos com coerência e coesão, pois são esses um dos critérios de avaliação em exames como ENEM ou em vestibulares.

A coesão e a coerência permeiam várias situações do nosso dia a dia. É muito comum receber feedbacks sobre as produções textuais que não estavam adequadas com os seguintes apontamentos: “faltou coerência” ou “faltou coesão”. O grande ponto de partida para a reflexão é: O que significa coesão e o que significa coerência? Esses conceitos são amplamente discutidos pelos teóricos e estudiosos que se dedicam à linguística do texto. É importante mencionar que tanto a coerência quanto a coesão estão interligados aos gêneros textuais e a tipologia textual.

Entende-se por coesão textual a conexão de palavras, expressões ou frases dentro um enunciado, além disso a pontuação é fundamental para dar coesão à mensagem que o texto deseja passar. Segundo Koch e Travaglia (p. 13), “a coesão é explicitamente apresentada através de elementos linguísticos, indicações na estrutura superficial do texto, sendo de caráter claro e direto, expressando-se na organização sucessiva do texto.”

Para Marcuschi (2008, p. 99), a coesão está ligada tanto à conexão referencial, que se

atém ao nível semântico, quanto à conexão sequencial, que é realizada pelos elementos conectivos.

Durante muitos anos, foi dado ao texto escrito maior prestígio, e acreditava-se que a coesão era o critério mais importante do texto. À época, delimitavam-se ainda os estudos à estrutura do texto, e não contemplavam e relacionavam o sentido (a coerência textual) à estrutura textual.

Em suas pesquisas, Marcuschi (2008, p.100) pondera que os aspectos estruturais “não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos”. E complementa: “a coesão é justamente a parte da linguística textual que determina um subconjunto importante desses requisitos de sequencialidade textual”.

Uma das problemáticas referentes ao estudo da coesão é que muitos linguistas defendem que é por meio dela que se forma uma espécie de gramática. Logo, a gramática normativa, que contempla em seus estudos apenas o nível da frase, difere-se da linguística do texto, que contempla tanto o nível linguístico quanto questões extralinguísticas.

A coerência, assim como a coesão, também é motivo de vários estudos sobre o que é e como ela ocorre, questionando se a coerência é uma atividade interpretativa e não imanente ao texto. Entende-se por coerência como a relação que as ideias apresentadas se estabelecem ao longo do texto entre si, de maneira lógica. A ela está relacionada o conceito de macrotexto, o qual está interessado em compreender a mensagem presente no texto, como a introdução dialoga com o desenvolvimento e com a conclusão, por exemplo.

Para Marcuschi (2008, p.126),

a coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada em outras palavras. A coerência proporciona a continuidade do texto, o sentido ao qual ele busca referir-se, não caracterizando-se, pois, como um fenômeno empírico, mas por razões conceituais, pragmáticas etc.

Um ponto importante de mencionar em relação à coerência textual é que ela está ligada diretamente ao conhecimento de mundo do interlocutor, ou seja, une-se ao processo de interpretação do texto o conhecimento prévio que o interlocutor tem em relação tema abordado, não somente atendo apenas à questão estrutural (forma do texto). “Isso significa que há uma distinção bastante clara entre a coesão como a continuidade baseada na forma e a coerência como continuidade baseada no sentido” (MARSCHUSCI, 2008, p. 119).

Algo importante de se refletir é que os estudiosos do texto concordam que coesão e coerência estão intimamente relacionadas quanto ao processo de produção e compreensão do texto.

O FUNCIONALISMO E O TEXTO

A corrente funcionalista busca entender o seu objeto de estudo tanto no campo linguístico quanto no extralinguístico, ou seja, “preocupa-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, A. F, 2015, p 157). Por exemplo, na produção de um texto, essa corrente linguística engloba em seu estudo o veículo que publicou esse texto, qual o objetivo dele, o público-alvo, o contexto, a estrutura utilizada etc.

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (CUNHA, 2015, p 157).

Partindo do pressuposto de que a linguagem é um meio de interação social, entende-se que ela não é homogênea, ou seja, muda conforme a necessidade do interlocutor de se adequar ao contexto. Por exemplo: em situações em que o contexto exigir certa formalidade quanto a escolha dos vocábulos, o falante buscará se adequar.

Chamo a atenção para um ponto importante: a relação entre língua e sociedade. Esse recorte linguístico parte do pressuposto de que o ser humano necessita se comunicar, e é por meio da comunicação que ocorre a interação entre um indivíduo e outro.

Para os funcionalistas, a língua está atrelada diretamente à intenção do emissor e à noção de poder, de identidade e de coletividade. A sociedade é guiada pela linguagem, e limitar o seu estudo apenas ao nível da sentença, perde-se o principal: o interlocutor.

Conforme já mencionado anteriormente, o interlocutor tem o objetivo de comunicar algo a alguém. No entanto, é importante entender o que o levou a se comunicar. Por exemplo, quando o interlocutor se encontra insatisfeito com determinado produto ou determinada situação, ao formalizar por meio de uma produção textual, a intenção dele é captada pela forma em que o texto é articulado. Geralmente, em sites de vendas há o espaço para que o consumidor registre sua reclamação. Então, durante o registro, será possível perceber o descontentamento do emissor por meio dos advérbios, dos adjetivos e da pontuação.

Ainda refletindo quanto ao papel contexto na produção:

[...] na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação. (CUNHA, 2015, p 158).

O contexto real de comunicação nos permite, enquanto linguistas, entender o enunciado profundamente. É essencial englobar em sua análise o interlocutor, a língua e o contexto para entender efetivamente e eficientemente a mensagem.

Em suma, a visão funcionalista entende que o estudo da linguagem desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si, e essas funções externas influenciam a organização interna desse sistema linguístico (CUNHA, A. F, 2015, p 157). A língua deixa de ser estudada como um sistema autônomo e isolado, e passa a ser estudada levando em consideração os atores sociais, os papéis sociais e o contexto.

Apesar de o funcionalismo europeu ser comparado com a corrente estruturalista, visto que surgiu como um movimento peculiar dentro do estruturalismo, essa abordagem linguística centrava seus estudos na fonologia e na sintaxe. Ao realizar esse recorte em seu estudo sobre o objeto de estudo da linguística, há uma oposição a dicotomia saussuriana em relação à diacronia e à sincronia e que o sistema linguístico é homogêneo.

Apesar do grande avanço e do êxito com os estudos da fonologia, outros linguistas per-

ceberam que a corrente funcionalista se aplicava para além da fonologia, perceberam que se aplicava às questões gramaticais. Linguistas como Matheusis e Halliday, contribuíram para o estudo relacionando estrutura gramatical (a sintaxe) e contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões apresentadas neste artigo sobre o que é texto e a sua relação com a sociedade, conclui-se que tanto a estrutura quanto o contexto estão relacionados. A intenção do interlocutor, o veículo, a necessidade de articular e a materialização do texto escrito agem em concomitância. No entanto, cada etapa de produção está atrelada a um processo de formação do texto. Há uma união entre questões extralinguística e o que é intrínseco ao texto. Conclui-se também que o texto visando à comunicação adequa-se ao veículo e a intenção do autor a fim de que haja assertividade com a mensagem passada ao público-alvo. Além disso, pontuamos a relação entre coesão e coerência, que estão intimamente relacionadas quanto ao processo de produção. Os conceitos de gênero textual e tipologia textual também foram abordados, corroborando para os estudos sobre o texto e para as conclusões presentes ao longo deste artigo.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CUNHA, Angélica Furtado. *Funcionalismo*. MARTELOTTA, Mário Eduardo et AL. *Manual de linguística*. Ed Contexto, 2012 – 2 ed.
- FIORIN, Josão Luiz et AL. *Introdução À Linguística II – Princípios de Análise*. Ed Contexto. 2003. Ed.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. Ed Parábola, 2014 – 1 ed.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo et AL. *Manual de linguística*. Ed Contexto, 2012 – 2 ed.
- VILLAÇA KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez.
- VILLAÇA KOCH, Ingedore (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.
- VILLAÇA KOCH, Ingedore. *Introdução à Linguística Textual*. Ed.Contexto. 2015. Ed
- VILLAÇA, KOCH, Ingedore; FÁVERO LOPES, Leonor. *Linguística Textual: Introdução*. Ed. Cortez, 2008.

